

**ESCATATÓRIA: FALA CONCISA E LEITURA
DE MUNDO A PARTIR DA ESCUTA**

Marco Antonio Correia de Carvalho (FAAP e IFSP)
mcorreiadecarvalho@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir de que forma o encontro entre três campos, aparentemente distintos, mas complementares – Psicanálise, Educação e Literatura – pode contribuir para a *práxis* docente através de alguns pressupostos e dispositivos analíticos, tais como: desejo, escuta e paixão da ignorância, presentes nas obras (não) acadêmicas de Rubem Azevedo Alves, respectivamente: “O amor que acende a lua” (2001); “A alegria de ensinar” (2003); “O desejo de ensinar e a Arte de Aprender” (2004) e “Lições do velho professor” (2018). Assim, busca-se – em diálogo com a interlocução proposta na obra “A paixão da Ignorância” (2020), de Christian Dunker – demonstrar o caráter transversal da escutatória, enquanto postura ética para uma educação das sensibilidades.

Palavras-chave:

Educação. Psicanálise. Rubem Alves.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es discutir cómo el encuentro entre tres campos, aparentemente distintos, pero complementarios – Psicoanálisis, Educación y Literatura – puede contribuir a la *praxis* docente a través de algunos supuestos y dispositivos analíticos, como: el deseo, la escucha y la pasión por la ignorancia, presentes en las obras (no) académicas de Rubem Azevedo Alves, respectivamente: “O amor que enciende a lua” (2001); “La alegría de enseñar” (2003); “El deseo de enseñar y el arte de aprender” (2004) y “Lecciones del viejo maestro” (2018). Así, busca – en diálogo con la interlocución propuesta en la obra “La pasión de la ignorancia” (2020), de Christian Dunker – demostrar el carácter transversal de la escucha, como postura ética para una educación de sensibilidades.

Palabras clave:

Educación. Psicoanálisis. Rubem Alves.

1. Introdução

Parte da formação do psicanalista, compreendida por Sigmund Freud (1996) na valorização da análise leiga – ou seja, com foco na pluralidade de experiências e formações não exclusivas do campo médico –, entende a escuta como algo mais do que uma simples técnica ou prática, mas sim uma ética – aqui, compreendida como a tentativa racional de arveriguar como viver melhor (Cf. SAVATER, 2004).

Segundo Christian Dunker (2020), para que tal postura ética seja efetiva, faz-se necessário que o psicanalista tenha certa relação produtiva com o não-saber ou com o não-ainda-sabido, entendendo que, tanto no divã quanto fora dele, a relação com o saber – de si e do mundo a sua volta – não é estanque, mas está em constante processo de (trans)formação. Algo que engloba, inclusive, o analista e o analisando nesse processo.

Aqui, nota-se que a obra de Rubem Alves (2001; 2003; 2004; 2018) consegue exprimir algumas aproximações possíveis – com foco na escuta – entre três campos, muitas vezes ditos como distintos, mas que são complementares, respectivamente: Psicanálise, Educação e Literatura.

Em palestra realizada na Unicamp, em 1990, para os formandos do curso de Pedagogia, Rubem Alves (1990) aproximou o entendimento da psicanálise à poesia, por exemplo, ao defender uma leitura de mundo a partir dos nossos sonhos e do desejo de realizá-los:

Nós somos sonhos encarnados. Não sei se vocês já perceberam isso, a vida inteira da gente é uma tentativa desesperada para fazer com que os nossos sonhos se transformem em realidade. Isso é uma coisa que os poetas já sabiam há muito tempo e que a psicanálise descobriu há pouco tempo: nós somos sonhos [...] (ALVES, 1990)

E, complementa que sonho, sozinho, não basta: faz-se necessário a realidade. Aqui, fica a pergunta: não deveria ser o espaço escolar o *lócus* primeiro no incentivo à realização deles? Toda criança, enquanto estudante, sonha e deseja ser médico(a), advogado(a), astronauta, professor(a), jogador(a) de futebol, etc. Rubem Alves (2018) vai advogar nesse sentido –aproximando a Psicanálise da Educação – na defesa de uma pedagogia que diferencie a “escola gaiola” da “escola asas” – ou, em outras palavras: a escola que aprisiona sonhos e àquela que os liberta.

No caso da primeira, alunos e professores se tornam reféns das “grades” curriculares, que formam docentes e discentes numa prática engessada que separa os que falam (professores) daqueles que escutam (alunos). Paulo Freire (2013), por sua vez, vai chamar esse modelo de escola mais tradicional de educação “bancária”: os professores são os responsáveis por “depositarem” os conhecimentos necessários para a vida em comunidade (escolar e fora dela.), enquanto cabe aos alunos receberem tais conteúdos passivamente – entendidos, nessa perspectiva, como *tábula rasa*.

“Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas”. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo (ALVES, 2018, p. 80)

Já, com relação à segunda, Rubem Alves (2018) a define como a escola não diretiva, que tem por função o encorajamento dos alunos a partir dos seus desejos, sonhos e potencialidades. Por isso, “escola asas” – assim definida pelo autor:

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado. (ALVES, 2018, p. 80)

Nesse ponto, o autor anteviu o papel que o educador precisaria desempenhar nos novos tempos, em uma realidade que muda o tempo todo e não mais a partir de uma percepção de “corpo docente/discente”, mas sim “corpos docentes/discentes” (plural) na qual a individualidade do processo de ensino-aprendizagem precisa ser considerada. Esse ponto de vista do ser humano, enquanto múltiplo, é o que leva ao autor a “desistir” da ideia do “ensinar” como era, tradicionalmente, compreendida a função do educador.

Hoje já não me interesso por ensinar o que eu sei nem por ensinar o que não sei. Hoje eu vivo um novo amor: desejo ensinar os meus sonhos. [...] Atrevo-me, então, com a autoridade do poeta, a alterar o primeiro verso do evangelho de João: “No princípio era o sonho...”. Tudo nasce do sonho. (ALVES, 2018, p. 24)

E, como realizar tal objetivo – de considerar a subjetividade do outro na escola e fora dela? Aprender a escutar é um caminho, não só possível quanto necessário para tal, pois, segundo Christian Dunker (2020), a fala que não nasce de uma escuta atenta e ativa representa um exemplo de processo que, historicamente, é considerado como colonização do outro.

[...] Falar para ocupar currículo, falar para disciplinar, falar para ensinar. Nunca houve um processo colonizador que deixou de começar pelo ato de propor ao outro: fale a minha língua, porque assim a gente se entende. Por isso, se queremos outra coisa que a domesticação da barbárie, é preciso começar a pensar uma educação para a escuta e uma educação pela escuta [...] O olhar é silêncio ativo e a palavra, escuta em gestação. (DUNKER, 2020, p. 15)

Essa escuta em gestação é a base para qualquer conversa e, no limite, a base para a própria democracia, já que, sem silêncios não há diálogo. Justamente, porque conversar é uma arte: a arte de produzir-se literariamente, em comunhão, e de contar uma história – inclusive, a própria. Sendo nisso que também acredita a psicanálise: a alma é uma literatura (Cf. ALVES, 2018).

Com isso, partiremos da interlocução da escuta com a *práxis* docente, a fim de perceber seus efeitos para o desenvolvimento de uma paixão: a paixão da ignorância. E, também, para pensar de que forma ela pode contribuir para o processo de ensino–aprendizagem escolar, a partir da revisão teórica, enquanto metodologia (Cf. DE LUNA, 2011). Investindo, dessa maneira, como a questão da escuta se apresenta nos autores que compõem o presente referencial teórico.

Assim, entre as obras escolhidas para tal objetivo, podemos citar: “Paixão da Ignorância”, de Christian Dunker (2020) e “O amor que acende a lua” (2001); “A alegria de ensinar” (2003); “O desejo de ensinar e a arte de aprender” (2004) e “Lições do velho professor” (2018), de Rubem Azevedo Alves.

2. *Paixão da ignorância: entre a oratória e a escutatória*

Ser e estar no mundo pressupõe aprendizagens e reaprendizagens constantes a partir da relação entre informação, conhecimento, experiências e vivências que levam a um saber. Dessa maneira, as nossas primeiras aprendizagens em vida derivam do seio familiar e, mais tarde, a partir da escola.

A Escola, como conhecemos atualmente, foi institucionalizada, segundo Cerqueira (2006), durante a chamada Revolução Industrial. Nesse período, seu objetivo era sistematizar os conhecimentos construídos pela humanidade até então, com foco nas concepções de aprendizagens empíricas e no aspecto “inato” das aprendizagens: os indivíduos seriam pré-determinados biologicamente, com pouca influência do ambiente em que estavam inseridos. Sendo assim, o foco da aprendizagem era basicamente nos conteúdos de memorização, repetição e cópia.

Crítico dessas abordagens (re)produtivistas, que a escola tradicional acabou herdando em grande medida, surge a Pedagogia Libertadora defendida por Paulo Freire (2013), que criticou o aspecto “bancário” e alienador imposto aos alunos nas perspectivas anteriores.

[...] a razão de ser da educação libertadora está no seu impulso inicial conciliador. Daí que tal forma de educação implique a superação da tradição educador–educandos, de tal maneira que se façam ambos, simultaneamente, educadores e educandos. Na concepção “bancária” que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a “educação” “bancária” mantém e estimula a contradição. (FREIRE, 2013, p.65)

Dessa forma, a escola contemporânea deve deixar de ser mera transmissora e reprodutora de conteúdos para pensar a formação dos sujeitos, principalmente porque grande parte das experiências humanas se dá a partir da coletividade.

Ou seja, o objetivo da educação não pode ser apenas efetivar um saber pronto e acabado, mas pensar também no desenvolvimento desse mesmo indivíduo ao longo do processo, a fim de que ele se torne um ser atuante e senhor do próprio conhecimento – aplicando-o em sua vida prática – já que, em grande medida, não somos apenas o que achamos que somos, mas também as palavras com as quais os outros nos denominaram: alunos, filhos, pais, professores... (Cf. ALVES, 2003).

Assim, se a palavra “saber” deriva do latim *sapere* – que, etimologicamente, significa “ter gosto, sabor”, como tem sido a nossa relação na construção de novos conhecimentos? Uma construção com sabor ou dissabor? (Cf. CERQUEIRA, 2006).

Eu sempre me preocupei muito com aquilo que as escolas fazem com as crianças. Agora estou me preocupando com aquilo que as escolas fazem com os professores. Os professores que fizeram as perguntas já foram crianças; quando crianças, suas perguntas eram outras, seu mundo era outro... Foi a instituição “escola” que lhes ensinou a maneira certa de beber água: cada um no seu ribeirão... Mas as instituições são criações humanas. Podem ser mudadas. E, se forem mudadas, os professores aprenderão o prazer de beber águas de outros ribeirões e voltarão a fazer as perguntas que faziam quando crianças. (ALVES, 2004, p. 17)

Segundo Cerqueira (2006), precisamos entender, *a priori*, como o aluno aprende: suas expectativas com relação ao professor; a relação de ambos durante o processo de ensino–aprendizagem e como seria a troca entre eles a partir de uma escuta mais sensível.

Mas, antes disso, faz-se necessário pontuar a diferença entre escutar e ouvir, que são verbos utilizados como sinônimos em nosso cotidiano, mas que são – apesar da aparente semelhança – diferentes em seus significados: ouvir corresponde ao processo mecânico de captação dos

sons pelos ouvidos, com o posterior processamento da informação pelo cérebro (Cf. BASTOS, 2009).

Já escutar pressupõe um processo diferente: essa habilidade vai além de um processo mecânico, ela corresponde à capacidade do indivíduo de ir além do que é dito, para perceber o não dito, os silêncios, aquilo que é dito subliminarmente nos interstícios das palavras. Ou seja, no limite, escutar é uma escolha.

A questão é que, atualmente, a partir da globalização – com a criação da *internet* –, nossa capacidade de escutar foi reduzindo, gradativamente, em função da necessidade, cada vez maior, de falar – tanto *online* quanto *of-fline*.

Entretanto, sob a máscara do “moderno” e do tecnológico, percebemos que a sociedade online, criada a partir de então, tem uma relação com a realidade mediada excessivamente pelos meios tecnológicos de comunicação no que tange às esferas pessoal e profissional.

O problema, segundo Costa (2021), é que pelo excesso de informações e pela falta daquilo que a autora nomeia como “alfabetização midiática”, corre-se o risco de ficarmos imersos num equivalente à “Caverna de Platão” – alegoria atribuída, originalmente, a Sócrates.

Nesse ponto, qual seria o papel da educação nesse processo de “saída da caverna”?

Tal qual a chave que abre os grilhões, ela serviria para nos libertar dos conceitos e pré-conceitos em nós inculcados, associando-se também ao que a autora chama de “democratização das mídias”, que permitiria que pudéssemos ser sujeitos dos meios, das informações e das técnicas de produção/reprodução das imagens.

Outro ponto importante, já no campo prático, é a escola, por sua vez, perceber que os tempos mudaram e que a apatia do educando se dá, muitas vezes, pelo interesse da escola em insistir num modelo de comunicação que não dialoga com o aluno e com o mundo que o cerca-se apertando a velhos receituários.

O sujeito da educação é o corpo porque é nele que está a vida. É o corpo que quer aprender para poder viver. É ele que dá as ordens. A inteligência é um instrumento do corpo cuja função é ajudá-lo a viver [...] “Ferramentas” são conhecimentos que nos permitem resolver os problemas vitais do dia a dia. Ferramentas e brinquedos não são gaiolas. São asas. Ferramentas me permitem voar pelos caminhos do mundo. Brinquedos me permitem voar pelos caminhos da alma. [...] As estatísticas oficiais anunciam o

aumento das escolas e o aumento dos alunos matriculados. Esses dados não me dizem nada. Não me dizem se são gaiolas ou asas. Mas eu sei que há professores que amam o voo dos seus alunos. Há esperança... (ALVES, 2018, p. 90)

Um marco importante no Brasil de mudança na percepção de qual aluno estamos buscando formar, no âmbito das políticas educacionais, se dá a partir da introdução do tema das paixões na escola a partir das obras de Paulo Freire. Segundo Dunker (2020), há uma genuína preocupação em sua obra em combinar o sentido social e político da educação com os afetos ao longo do processo de ensino-aprendizagem.

Assim, sendo os afetos um tema transversal à psicanálise e a educação, o autor consegue perceber a “(...) convergência entre Lacan e Freire (...) na maneira com a qual ambos se colocavam diante do tema do saber, com uma atitude ética que se poderia definir pela *paixão da ignorância*” (DUNKER, 2020, p. 17).

A paixão da ignorância, ainda segundo Dunker (2020), aqui compreendida corresponderia ao ponto de partida na qual educadores e psicanalistas mergulham no universo da escuta, abrindo-se ao que o outro quer dizer sem misturar as suas opiniões e julgamentos. Dessa forma, assim como existe a paixão da fala que acompanha a noção do saber, a paixão da ignorância vincula-se a experiência do não-saber, ou seja: ao novo a ser descoberto, através da escutatória.

Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória. Mas acho que ninguém vai sematricular. Escutar é complicado e sutil. (ALVES, 2018, p. 141)

Mas, para que a escutatória tenha lugar, faz-se necessário que superemos uma grande dificuldade do mundo contemporâneo: a de não emitir uma opinião “melhor” logo em seguida a fala do outro. Ou seja:

Digerir leva tempo. É preciso tempo para entender o que o outro falou. Se falo logo a seguir, são duas as possibilidades. Primeira: “Fiquei em silêncio só por delicadeza. Na verdade, não ouvi o que você falou. Enquanto você falava, eu pensava nas coisas que eu iria falar quando você terminasse sua (tola) fala. Falo como se você não tivesse falado”. Segunda: “Ouvi o que você falou. Mas isso que você falou como novidade eu já pensei há muito tempo. É coisa velha para mim. Tanto que nem preciso pensar sobre o que você falou”. Em ambos os casos estou chamando o outro de tolo. O que é pior que uma bofetada. O longo silêncio quer dizer: “Estou ponderando cuidadosamente tudo aquilo que você falou” (ALVES, 2018, p. 143)

Claro, a escutatória não impossibilita a discordância. Ao contrário, é pela escuta que nos tornamos aptos a discordar de forma efetiva e respeitosa, afim a evitar ruídos entre aquilo que o outro fala e aquilo que eu escuto. Isso vale para o espaço escolar e fora dele, inclusive.

Ao falar de escuta, Freire (1996) comenta que escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas auto-anulação. A verdadeira escuta não diminui em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de opor-se, de posicionar-se. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor colocar-me, ou melhor, situar-me do ponto de vista das ideias. (CERQUEIRA, 2006, p.33)

Dessa forma, sendo a escola um local de potencialidades, a escuta sensível representada a partir dos conceitos de escutatória (Cf. ALVES, 2001) e Paixão da ignorância (Cf. DUNKER, 2020) merece um lugar de destaque, ao passo que ela também é multirreferencial: rompe os muros escolares, existindo fora deles – nos hospitais, empresas, entre outros – já que todos, em algum momento, necessitam do acolhimento exigido pelas horas de tristezas e alegrias (f. CERQUEIRA, 2006). Por isso,

O que as pessoas mais desejam é alguém que as escute de maneira calma e tranquila. Em silêncio. Sem dar conselhos. Sem que digam: “Se eu fosse você”. A gente ama não é a pessoa que fala bonito. É a pessoa que escuta bonito. A fala só é bonita quando ela nasce de uma longa e silenciosa escuta. É na escuta que o amor começa. E é na não-escuta que ele termina. Não aprendi isso nos livros. Aprendi prestando atenção. (ALVES, 2001, p. 33)

Assim, cabe à escola contemporânea pensar o papel da escuta ativa no âmbito do seu ensino, considerando que o espaço escolar forma muito mais do que apenas profissionais aptos para uma determinada função, mas cidadãos que, sendo senhores do próprio saber, estarão mais bem preparados para a vida em sociedade, superando, inclusive, a radicalização política do Brasil atual que, em grande medida, nasceu pela incapacidade de escutarmos uns aos outros.

3. Considerações finais

Objetivamos com esse estudo discutir o papel da escutatória na escola contemporânea, a partir do seu caráter transversal, em diálogo com a Psicanálise, Educação e Literatura presentes nas obras (não) aca-

dêmicas de Rubem Alves (2001; 2003; 2004; 2018) e Christian Dunker (2020).

Enfatizamos também o papel da escuta ativa, ao representar uma ética para o desenvolvimento de uma paixão: a paixão da ignorância, na qual, o educador ao saber-se como um ser que não sabe, torna-se apto para escutar atentamente o que é dito, não dito pelo seu aluno, estando aberto para o novo que advém desse processo: os sonhos, desejos, experiências de vida e a bagagem cultural do educando.

Assim, a partir da perspectiva que enxerga a escola como potencialidade, em Paulo Freire (2013) e Rubem Alves (2001; 2003; 2004; 2018), percebemos que, se por um lado, a escola ainda é, em grande medida, um espaço que reproduz as desigualdades sociais e o *status quo*, por outro, ela também pode ser o *locus* ideal para a transformação da sociedade – sendo a escuta um dos baluartes desse processo – a partir da ação ativa de professores, alunos e comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. *E por falar em sonho*. Youtube, 1990. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=veYDktpnQyI>. Acesso em: 14/10/2021.

_____. *O amor que acende a lua*. Campinas-SP: Papirus. Paulo: Papirus, 2001.

_____. *A alegria de ensinar*. Campinas-SP: Papirus, 2003.

_____. *O desejo de ensinar e a arte de aprender*. Campinas: Fundação EDUCAR DPaschoal, 2004.

_____. *Lições do velho professor*. Campinas-SP: Papirus, 2018.

BASTOS, Alice Beatriz B. Iziq. A escuta psicanalítica e a educação. *Psicol inf.*, v. 13, n. 13, p. 91-8, São Paulo, out. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092009000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13/10/2021.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível. *Psic: revista da Vetor Editora*, v. 7, n. 1, p. 29-38, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v7n1/v7n1a05.pdf>. Acesso em: 13/10/2021.

COSTA, Maria Cristina Castilho. Democratização das mídias e educação. *Comunicação & Educação*, v. 26, n. 1, p. 54-64, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/159032>. Acesso em: 12/10/2021

DE LUNA, Sergio Vasconcelos. *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 2011.

DUNKER, Christian. *Paixão da Ignorância: a escuta entre Psicanálise e Educação*. São Paulo: Contracorrente, 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

FREUD, Sigmund. *Um estudo autobiográfico: inibições, sintomas e ansiedade, a questão da análise leiga e outros trabalhos 1925-1926*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

SAVATER, Fernando. *Ética para meu filho*. M. Fontes, 2004.